

In RODRIGUES JR, O. M. (org). **Historias das Sexologias Brasileiras (Volume 1)**. São Paulo: Instituto Paulista de Sexualidade, 2015. 316p. p. 213-226.



PREVENÇÃO NA VIDA COMO ELA É: PROJETOS E ESTRATÉGIAS DO INSTITUTO CULTURAL BARONG

Marta McBritton¹, Regina Figueiredo², Regiane Garcia³, Claudia Reggiane⁴, Barry Michael Wolfe⁵, Karen Schwach⁶, Adriana Navarro Nabeiro⁷, Marcelo Peixoto⁸

Introdução – Por dentro do Barong

O Instituto Cultural Barong nasceu enquanto instituição em 1996 após ter funcionado por quatro anos como projeto da APTA – Associação para Prevenção e Tratamento da Aids. O objetivo desta iniciativa foi estabelecer ações de prevenção à aids que atuassem no “tête-à-tête”⁹, com a população, na rua ou localidades onde esta se localize ou transite, abordando o assunto sexualidade e saúde sexual e reprodutiva de forma direta, honesta e íntima, “como se conversa na mesa de um bar” – filosofia que inspirou o nome da organização pensada como bar + ong (esta última sigla organização não-governamental), resultando em Barong.

Esse princípio adveio basicamente de três grandes influências e referenciais teórico-metodológicos que orientam o barong: (1) o aproveitamento do potencial de recursos humanos da entidade, inicialmente com forte potencial de membros da área de arte-

¹ Presidente do Instituto Cultural Barong. Site: www.barong.org.br Contato: barong@uol.com.br

² Socióloga, mestre em antropologia da saúde, doutoranda em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo e membro consultivo do Instituto Cultural Barong.

³ Psicóloga, historiadora e terapeuta sexual pela Sociedade Brasileira de Reprodução Humana (SBRACH) é membro do grupo técnico do Instituto Cultural Barong.

⁴ Psicóloga, musicista e terapeuta é membro do grupo técnico do Instituto Cultural Barong.

⁵ Advogado especialista em Direito Internacional pela em criminologia pela Yale e idealizador do Projeto SOS Dignity do Instituto Cultural Barong, sobre direitos de transgêneros.

⁶ Advogada pela Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU), é responsável pelas representações legais de transgêneros do Projeto SOS Dignity do Instituto Cultural Barong.

⁷ Psicóloga e psicoterapeuta com especialização em Psicologia Hospitalar pelo Instituto Sedes Sapientie e membro do grupo técnico do Instituto Cultural Barong.

⁸ Arte-educador, ator e diretor de teatro pela Escola de Artes Dramáticas (EAD/USP) e membro Instituto Cultural Barong.

⁹ Expressão francesa que designa conversa particular entre indivíduos, na tradução literal “cabeça a cabeça”.

educação, principalmente do teatro; (2) a noção da epidemia de aids enquanto mal que ocorre dentro de contextos de vulnerabilidade; e (3) a visão da sexualidade e saúde como um aspecto positivo vital das existências de todos nós.

1. Arte-Educação – “pintando o sete” para comunicar

A utilização de estratégias artísticas na educação não é novidade e vem sendo utilizada em diversas experiências de educação escolar formal, ou informal, inclusive por instituições ligadas à área de saúde. A arte como expressão humana simbólica, permite a comunicação de diferentes temas e problemáticas com diferentes tipos de pessoas, por se utilizar basicamente de estratégias que tocam cada um de nós humanos: a emoção e a utilização de linguagens diversas e diferentes da simples fala, ou da escrita discursiva.

Tal “trunfo” da arte apresenta diversas vantagens em nível de comunicação, por contornar a racionalização exacerbada que tolhe a espontaneidade e a livre-expressão das pessoas, que na maioria dos casos tende a se cercear devido à pressão social do que é certo, esperado e politicamente correto. Por isso, a expressão artística é sempre anárquica, mesmo que esperada, já que pode utilizar-se do lúdico, do inesperado, do contraditório, do feio do errado do mal em sua abordagem e, ao mesmo tempo, do cômico, do belo em formatos planejados ou de improviso, favorecendo que o ser humano se depare por impacto com algo novo e imprevisto, gerando criatividade sobre as práticas diversas (Barbosa, 1975). A arte favorece, assim, que nós humanos descubramos a nós mesmos e que façamos uma reflexão sobre nós mesmos, nossas vidas e nossas condições humanas, nos diferentes códigos culturais em que nos expressamos (Barbosa, s/d).

Essas estratégias de facilitação são importantes, principalmente para dar voz a grupos populacionais que normalmente não se sentem à vontade para se expressar, por isso se filiam a uma pedagogia de libertação, de expressão visando à mudança social próxima à proposta por Paulo Freire (2005), que parte da realidade e saber concreto local para formular a construção e produção de saberes visando uma transformação social.

Desse modo, no teatro foram defendidas por Boal (1975), expressas enquanto metodologia dialógica do Teatro do Oprimido (1985), que deu origem as estratégias de rua adotadas pelo Barong que passou a utilizá-las em performances educativas, aproveitando as

experiências de teatro e educação de Viola Spolin (2005), depois em oficinas vivenciais, incluindo psicodrama, e contato com o público; além de adotar o objetivo de arte como transformação social em instalações, exposições de diferentes tipos de mídia e produção de materiais comunicacionais e visuais envolvendo pintura, desenho, design gráfico de produtos, produção audiovisual, etc, numa constante inovação de formas e formatos, procurando não apenas utilizar a arte, mas produzi-la e utilizá-la para a abordagem dialógica em ações educativas, com o intuito de fazer a arte e o artista *“ir aonde o povo está”*¹⁰.

2. “VulnerabilidAids” – onde estamos, como somos, para onde vamos, como vivemos?

A aids chega no Brasil com o estigma de “peste-gay” na década de 1980. A trajetória da chamada “primeira onda” da doença, associada a comportamentos promíscuos e desviantes da sexualidade como a homossexualidade e, depois, à prostituição, além do uso de drogas, termina por divulgar erroneamente a ideia de que seria a doença desses “grupos de risco” (Ayres, 1996).

Neste contexto é na década de 1990 que Mann, Tarantola e Netter (1993) produzem a publicação “A Aids no Mundo”, introduzindo um conceito que iria revolucionar não apenas a área estudos sobre a aids e epidemiologia, mas praticamente toda a área de saúde: o conceito de vulnerabilidade.

Não é também novidade que a trajetória da saúde pública, advindas de intervenções sanitárias e urbanísticas, por mais que analisassem contextos sócio-políticos e ambientais, em nível de resolutividade de doenças, permaneciam utilizando o conceito de risco, contraditoriamente individualizando todos esses fatores macros na microanálise individual dos casos. Essa tendência se exacerbava especificamente na área de doenças sexualmente transmissíveis, assim como outros comportamentos sociais considerados indesejados, como alcoolismo, prostituição, drogadição, etc., considerados temas e públicos marginais.

¹⁰ Frase eternizada como “Todo artista tem que ir aonde o povo está” pelo compositor Milton Nascimento em sua música “Nos Bailes da Vida”, gravada no disco Caçador de Mim em 1981.

Nesse sentido a revolução que o contexto de vulnerabilidade traz a saúde, é discorrer quais comportamentos e estratégias de vida, incluindo exposições individuais a risco estão situadas e interligadas automaticamente a outras macroquestões sociais e político-organizacionais da estrutura do Estado, denominadas por Mann (1993) como vulnerabilidade social e vulnerabilidade programática, respectivamente. Por isso a política, organização dos sistemas sociais e de saúde, iniciativas governamentais e sua interlocução com organizações não-governamentais **são fundamentais** para a ocorrência, a avaliação e a transformação visando a redução das vulnerabilidades sociais e individuais. As vulnerabilidades sociais compostas pelas condições e características socioeconômicas culturais, religiosas e de gênero, da mesma forma têm igual impacto sobre as vulnerabilidades de cada indivíduo, apontando uma necessidade de triangulação analítica e de ação para a resolução da expansão de determinado mal, no caso, a epidemia de aids.

A perspectiva de vulnerabilidade não impacta apenas estratégias analíticas, políticas, mas também práticas de saúde (Ayres, 2003), incluindo práticas de promoção de saúde, por isso influenciou as ações a atuação do Barong não apenas na abordagem educativa e comunicacional com as diversas populações, adaptando modelos metodológicos e temas nas suas ações, mas também no envolvimento da instituição em espaços de discussão políticos e organizacionais que pautam e interferem nas políticas públicas brasileiras, além de proposição de projetos legislativos, envolvimento em ações de *advocacy*, entre outras.

3. Os direitos sexuais e reprodutivos são direitos humanos

A sexualidade é constituinte do ser humano, ela é origem de todos nós e um dos principais fatores de bem-estar, identificação, formação de parcerias, famílias, refletindo na constituição da nossa sociedade. Por uma questão histórico-cultural e religiosa ela é tratada com preconceito e tabu na sociedade brasileira, favorecendo uma série de vulnerabilidades e males sociais e individuais.

Por isso, afirmar que os direitos sexuais e reprodutivos são direitos humanos universais e fundamentais (OMS) posiciona o Barong como uma instituição que se filia às reivindicações pautadas por diversos grupos da sociedade civil organizados nas conferências mundiais organizadas pela Organização das Nações Unidas (ONU) de

População e Desenvolvimento do Cairo e das mulheres em Beijing, respectivamente realizadas em 1994 e 1995, que denunciam que os seres humanos necessitam para exercer plena cidadania ter seus direitos sexuais e reprodutivos respeitados (Corrêa, Alves, Jannuzzi, 2006), incluindo, nesta perspectiva, que têm direito à liberdade de livre vivência de sua sexualidade, com expressão de suas crenças, proteção de violências que cerceiem a sua plena vida sexual, incluindo direito ao respeito, a ter acesso a conquistas científicas que promovam saúde, cura de doenças e prevenção de vulnerabilidades sexuais, incluindo a autorregulação da própria fecundidade, o planejamento familiar, escolha livre do parceiro e parcerias, acesso a políticas públicas e estratégias de prevenção de males e doenças, incluindo as sexualmente transmissíveis (DST) e à atenção à saúde em casos visando à melhoria, à cura, à qualidade de vida.

Na prática o Barong inclui em sua atuação, portanto, além da disseminação e *advocacy* em direitos sexuais e reprodutivos, ações de promoção do respeito à diversidade sexual e de gêneros, promoção de saúde, prevenção de gestações não-planejadas, de DST/HIV/aids e à males e doenças correlacionados à saúde sexual e reprodutiva como à estigmatização e violência homofóbica e contra transgêneros, a violência contra a mulher, contra adolescentes e crianças, o abuso de álcool e drogas, à discriminação social e cultural contra populações de rua, profissionais do sexo, trabalhadores de baixa renda e populações carentes em geral. Isso significa que a ong adota significativamente o conceito de gênero (Scott, 1995) como princípio de análise e intervenções de sexualidade e direitos sexuais e reprodutivos, considerando os estereótipos sobre as formas de ser feminino e masculino são construções sociais e culturais transmitidos na educação e formação das pessoas (Louro, 2001) e não pressupostos da natureza sobre o ser mulher e homem, respectivamente; por isso podem ser criticadas, transformadas e revistas quando geram exploração, sofrimento e desigualdade entre os seres humanos.

Metodologias de Ação Barong: “levando a montanha a Maomé”

A partir dos princípios gerais que serviram como guia teórico-referencial para as atividades do Barong, grandes temas passaram a ser abordados: características e formas de transmissibilidade das diversas DST, história, sintomatologia e prevenção da aids,

orientações sobre busca de serviços de saúde para prevenção, acompanhamento de doenças, necessidade e forma de uso correto do preservativo masculino, disseminação e orientação da testagem de HIV, do uso do preservativo feminino, prevenção de gravidez não planejada e métodos anticoncepcionais, diversidade sexual e de gênero, legislações de prevenção em geral, inclusive de promoção direitos civis e de saúde (inclusive de profissionais do sexo e transgêneros), prevenção de vulnerabilidades como tuberculoses, álcool, drogas e violência, orientação sobre atenção a portadores de HIV/aids, incentivo a busca de grupos de ajuda, direitos sexuais e reprodutivos, responsabilidade social, empresarial e do poder público quanto aos direitos sexuais e DST, promoção de marketing social e importância de pontos de venda de preservativos e, mais recentemente também promoção da saúde do homem (inclusive a prevenção do câncer de próstata), utilização da profilaxia pós-exposição (PEP) e vacinação e prevenção de papiloma vírus humano (HPV), na maioria das vezes acompanhados da distribuição gratuita de preservativos.

Para promoção e abordagem desses temas, podem ser apontadas quatro grandes metodologias de ação institucional, neste longo período de 19 anos (1996 as 2015):

1. Ações educativas corpo a corpo:

O Barong atua utilizando uma unidade móvel, barracas fixas, mas sempre itinerantes, ou com deslocamento de equipes para ações em diversos locais e instituições, inclusive em espaços públicos e eventos abertos. O objetivo é facilitar o acesso e o contato com as populações alvo dos projetos de prevenção de DST/aids e de promoção de direitos sexuais e reprodutivos.

Nessa estratégia de ações corpo a corpo, a equipe multidisciplinar (psicólogos, arte-educadores, assistentes sociais, educadores, agentes de saúde, médicos, sanitaristas, etc) se desloca para realizar palestras, performances, teatros e plantões que permitam o trabalho direto com a população. Nas palestras, performances teatrais ou musicais, exposição de filmes e curtas metragens educativos, em dinâmicas de grupo, utilização de temas geradores de discussão, exposição de vídeo e intervenções orais são utilizados para passar as informações de saúde e prevenção, procurando incentivar a participação do público e

informalidade, visando aproximar o público dos técnicos de forma a facilitar a interação dos conteúdos.

Nos plantões na unidade móvel, barracas ou estandes, a equipe multidisciplinar se posiciona estrategicamente de forma a promover atividades coletivas (teatro, vídeos, cinema, campeonatos), permanecendo também à disposição para orientações individuais, esclarecimento de dúvidas, aconselhamentos, entrega de materiais educativos e preservativos, incentivando o acesso e busca pelo público.

Assim, a unidade móvel utilizada pelo Barong vem permitindo que sejam realizadas ações em locais abertos como pátios de empresas ou na rua. Utilizando-se de um chamariz de ter um preservativo inflável de seis metros, ligado na capota do veículo, é um recurso que por si só mobiliza muito a atenção das pessoas nas ruas, por isso já foi instalado em eventos populares como Carnaval, Festa do Pião de Barretos, durante o verão em praias do litoral e também em eventos em empresas em semanas de prevenção de acidentes de trabalho (SIPAT), em grandes ações de prevenção.



Já os estandes e barracas favorecem a instalação de pontos de ação em espaços fechados comerciais, universidades e empresas, por isso é utilizado pelo Barong em ações de prevenção onde há promoção de ações preventivas e educativas, marketing social e fixação de exposições temáticas que visem à prevenção e à promoção de saúde sexual e reprodutiva.

Esses formatos de ação também possibilitam pessoas tímidas, que tenham dificuldade de conversar/abordar temas sobre a sexualidade, ou grupos socialmente marginalizados, dando conta da diversidade de demanda, também facilita que pessoas e populações que não se considerem “população de risco” possam se interessar, aproximar e

ter acesso às informações de prevenção, já que são afixados cartazes e banner de chamariz com dizeres do tipo: “*somos uma ong/aids na rua e temos psicólogos, médicos e agentes para conversar com você*”, “*converse aqui sobre sexualidade*”, “*venha retirar seu material sobre DST/aids, você pode ajudar alguém*”, entre outras.

Além de trabalhos com o público essas ações corpo-a-corpo também realizam ações de sensibilização e capacitação de profissionais e lideranças, instrumentalizando-as a multiplicarem o trabalho corpo-a-corpo com o público. Essa formação inclui profissionais de unidades básicas de saúde, incluindo agentes comunitários (como as realizadas no “Projeto Sereias do Riacho”, que visava atingir mulheres da comunidade, também atinge outros profissionais, equipes e lideranças da luta contra a aids, educadores (como ocorreu com a implantação do “Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas” (SPE), realizado em Diadema), até lideranças locais ou de entidades da sociedade civil e técnicos membros de Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA) (atingidos pelo projeto “Cuidando Deles! Promovendo a Saúde Sexual e Reprodutiva de Homens Heterossexuais”), que reuniu representantes de ONGs, de várias empresas privadas, além dos recursos humanos da saúde).

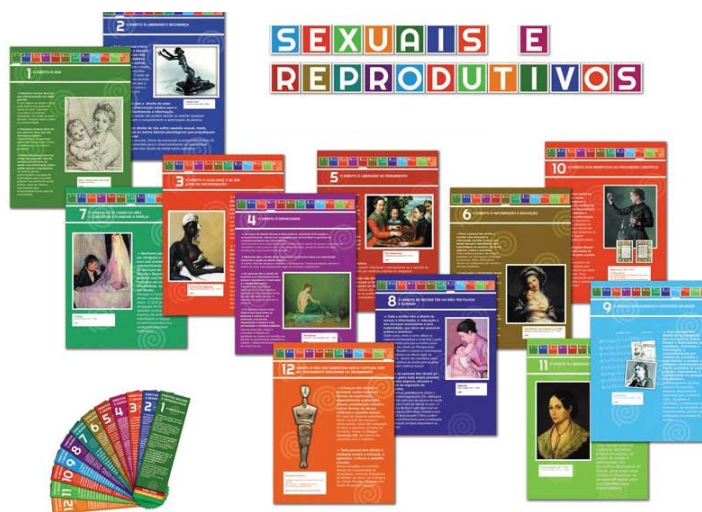
2. Produção de materiais educativos e de comunicação com o público:

Com uma diversidade de formatos (folders, cartilhas, leques, banners, posters materiais tridimensionais, como cata-ventos, brindes, DVDs, spots de rádio), o Barong tem uma vasta produção de materiais educativos e de comunicação com o público. Esses formatos procuram atender, se adaptar às demandas e necessidades dos projetos e temas conforme o público alvo, além de ser bonitos e atrativos.

Além do formato, é foco a facilitação da linguagem de informações de base científica já consensuados pelas esferas de saúde, procurando adaptar termos técnico-científicos e legislações à compreensão do público comum e não especializado, procurando acessá-los e sensibilizá-los para a importância da saúde sexual e reprodutiva e da prevenção às DST/aids e da própria desmistificação e promoção da boa sexualidade (Rodrigues, 2001).

Já foram produzidos:

- **materiais para o público em geral:** exposição sobre história da aids; exposição e marcadores de livros sobre os 12 direitos sexuais e reprodutivos; materiais incentivando a prevenção da tuberculose; e materiais de promoção de prevenção e redução de vulnerabilidades em situação de lazer, férias e lazer, incluindo prevenção em situação de tatuagem, de uso abusivo de bebidas alcoólicas, prevenção de desrespeito às comunidades locais, prostituição infantil, etc.



- **materiais para mulheres:** cartilhas que orientam sobre prevenção sexual, incluindo contracepção, prevenção de DST/aids, prevenção de câncer de mama, conhecimento do próprio corpo e sexualidade, prevenção à violência, promoção de igualdade de gênero.

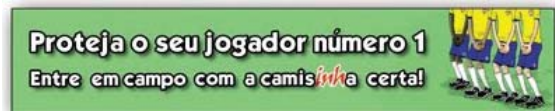


- **materiais para homens:** cartilhas, folders e DVD pautados na Política Nacional de Saúde do Homem, orientam sobre prevenção sexual, incluindo contracepção, paternidade planejada, prevenção de DST/aids, problemas sexuais, importância do cuidado da saúde masculina, além de procurar dar dicas para o combate às principais causas de morbimortalidade masculina, como a violência de rua, o câncer de pulmão por uso de cigarros, o câncer de próstata, o uso de álcool e drogas e problemas de diabetes, pressão, má alimentação e estilo de vida sedentário.

O Barong produziu também nessa abordagem, materiais associando riscos de profissões tipicamente masculinas (operariado, cobradores e motoristas de ônibus e caminhoneiros), procurando criar identificação deste público com a prevenção, além



de materiais associando prevenção e uso de preservativos com o lazer, no caso o futebol, procurando aproveitar o ensejo das copas do mundo de futebol, principalmente a última realizada no país.



- **materiais para transgêneros:** folhetos de divulgação de direitos de transexuais e travestis, incluindo legislações federais de prevenção e promoção de seu direito de respeito e uso de nome social.



3. Ações de marketing social:

O Barong desenvolver fortes ações de promoção de marketing social do principal insumo de prevenção das DST/aids: o preservativo. Nesse sentido, não apenas a instituição passou a oferecer em suas unidades móveis, barracas e estandes, o produto a preço subsidiado, como iniciou o cadastramento e depois desenvolveu a reposição de estoque de diversos os comerciais, principalmente de pequeno porte e bairros periféricos, como bares, vendas, papelarias, lotéricas, cabeleireiros, barbeiros, academias, sapatarias, locadoras de vídeo, com o mesmo objetivo. Desta forma, procurou disseminar o envolvimento com o tema e a noção de responsabilidade social entre esses comerciantes, aproximando-os da necessidade de discussão da problemática da prevenção ao HIV/aids, como promovendo a autorresponsabilidade com relação à sexualidade da clientela que adquiria o produto a preços simbólicos, inclusive produtos mais sofisticados (como lubrificantes e preservativos aromatizados) adquiridos a preços subsidiados, divulgando a lei que autoriza a venda de preservativos em qualquer estabelecimento comercial (Brasil, 2002).

4. Ações de advocacy:

O Barong entende como ações de advocacy toda e qualquer ação que fortaleça o exercício e a compreensão dos direitos sexuais e reprodutivos das pessoas, incluindo direitos civis que reduzem vulnerabilidades sociais e desigualdades causadas por situações de exclusão social, marginalidade e violência. Nesse sentido, todas as ações educativas citadas, como as corpo a corpo, de disseminação de informações via a produção de materiais informativos e comunicacionais, quanto o marketing social são ações produtoras de advocacy porque predispõe o exercício da cidadania e atitudes preventivas, ao mesmo tempo empoderamento cultural das populações vulneráveis com que a instituição atua. Essa esfera de atuação inclui a conscientização de cada público com a disseminação das próprias situações de vulnerabilidade que o acometem e das legislações e normas técnicas que embasam seus direitos à saúde e a busca de serviços e estratégias preventivas, muitas vezes desconhecidos pela população, como o direito de atenção ginecológica e contraceptiva para adolescentes acima de 12 anos (Figueiredo, 2009 e 2010), entre outras, além de estratégias de redução de risco para DSTs (Figueiredo e Santos, 2012).

Porém como ações de advocacy mais direta, pode-se salientar que o Barong atua em nível macro com populações mais vulneráveis às DST/aids e situação de marginalidade social, principalmente profissionais do sexo e populações transgêneros. Em nível macro, o Barong atua politicamente em várias instâncias que possam afetar, regulamentar ou incidir sobre as políticas públicas brasileiras, visando a promoção da redução de vulnerabilidades e a prevenção de DST/aids e doenças e males a eles coligados, como grupos de trabalho em nível federal, estadual e municipal, além do nível acadêmico e científico divulgando pesquisas e participando em congressos e encontros ligados a temática do HIV/Aids, DST e direitos sexuais e reprodutivos.

- advocacy para fortalecimento de populações mais vulneráveis:

O projeto SOS Dignity foi iniciado com o intuito que dar visibilidade e voz às demandas das pessoas transgêneros, por isso focou uma das principais reivindicações desses indivíduos, de expressar a sua condição de gênero como direito civil em suas documentações sociais e legais. Por isso, desde 2009, atende a demanda para representação legal para mudança de nome legal em documentos em serviços localizado no Ambulatório

de Travestis e Transsexuais no município de São Paulo, situado no Programa de DST/aids estadual, procedimento denominado “procedimento legal para a retificação de registro civil para mudar o nome social”.

Nesse sentido, o projeto ao mesmo tempo empodera transgêneros, porque considera que a efetivação de seu nome social em consonância com seu gênero promove inclusão social, redução de discriminação e violências e aumenta a autoestima deles, como também prevê que a própria organização de documentação e acompanhamento do processo civil que os defende promove cidadania e empoderamento, por mostrar-lhes que a Justiça pode ser utilizada em prol de seus interesses.

O serviço já atendeu para orientação centenas de pessoas, apresentando 253 processos judiciais, sendo que todas as ações deferidas até o momento (cerca de 30), obtiveram decisões favoráveis na Justiça, orientando a produção de documentações de certidão de nascimento e de novo registro geral (RG), demonstrando o sucesso do projeto e da iniciativa de uso da Justiça para atender os direitos de transexuais e travestis.

- macro advocacy com presença em esferas políticas:

Além de participante do Fórum de ONGs Aids do Estado de São Paulo, representação no campo dos Direitos Humanos via representação no Comitê Estadual Interinstitucional de Prevenção e Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas do Estado de São Paulo, o Barong fez parte em diversos fóruns e grupos de discussão junto ao Programa de DST/Aids do Município de São Paulo, do Estado de São Paulo e até do Ministério da Saúde, realizando proposições em prol do marketing social do preservativo, da redução de impostos sob a importação e venda de preservativos, sob pontos de venda de preservativos, distribuição do preservativo feminino, estratégias de promoção da testagem de HIV, incluindo o teste rápido de sangue ou fluido oral e a PEP – profilaxia pós exposição de risco.

Além disso, fez sugestão de projetos de lei, como o que visa à obrigatoriedade de promoção de prevenção de DST/aids e abuso de álcool em festas populares de grande concentração popular (ALESP, 2008), divulgação da Lei Federal 10449 que permite venda de preservativos em diferentes tipos de comércio (Brasil, 2002), bem como apoiou o processo de licença compulsória de medicamentos antirretrovirais.

Acúmulo e Alcance das Ações Barong

A trajetória das atividades desenvolvidas nos 19 anos (1996 a 2015) de atuação do Barong envolve uma extensa experiência.

Geograficamente, já atuou em mais de 50 municípios, porém concentra ações no Estado de São Paulo, principalmente na capital e no ABC (região de Santo André, São Bernardo e São Caetano do Sul), realizando atividades ligadas a projetos financiados pelo Ministério da Saúde, Coordenação Estadual de DST/Aids do Estado de São Paulo e também do Município de São Paulo, além de projetos ou intervenções pontuais desenvolvidas em parceria com universidades e empresas privadas e outras ONGs localizadas na Grande São Paulo. A presença em comemorações do 1º de dezembro – Dia de Luta Contra a Aids, nas edições anuais da Parada Gay, nas comemorações do Dia Internacional da Mulher, Dia do Homem, Dia do Caminhoneiro, no Conjunto Nacional na Avenida Paulista e em diversos SESCs, além de participação anual na Feira Erótica, Festival de Inverno de Campos do Jordão, Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos, vários carnavais no litoral paulista e jornadas universitárias e eventos populares são múltiplas e já totalizam mais de 1.000 eventos.

A instituição também teve presença marcante em praticamente todas as cidades do litoral paulista, principalmente em São Sebastião, Bertioga, Guarujá, Santos Ubatuba, e Iguape. Nesses municípios litorâneos fez forte articulação com os poderes públicos locais, através das coordenações municipais de DST/Aids, desenvolvendo ações de parceria e complementariedade de equipes. Devido às características dessas localidades no recebimento de grandes contingentes de turismo de verão, o Barong desenvolveu toda uma *expertise* na abordagem das vulnerabilidades que envolvem situações de turismo, produzindo artigos científicos de forma a disseminar (ver Cavalheiro, Sanmamed, Peixoto, Silva, 1999; Figueiredo, McBritton, 2006 e Figueiredo, McBritton, Cunha, 2006), além de colaboração em cartilhas sobre problemáticas relacionadas ao turismo (Figueiredo, McBritton, 2009) e do DVD educativo “*Prevenção e Redução de Danos no Turismo e no Lazer*” (Figueiredo, McBritton, Peixoto, 2013).



Essa experiência em lugares de concentração populacional favoreceu que o Barong atuasse com sua unidade móvel também em festas populares, como a Festa do Pião do Boiadeiro, o Festival de Inverno de Campos do Jordão (ver Damas, Pacca, 1999), além da Parada Gay de São Paulo, e eventos em outras localidades. A presença e parceria com várias coordenações municipais de DST/aids de municípios do interior e com várias unidades do SESC favoreceram essa descentralização de ações, favorecendo a ampliação de itinerários que chegaram ao estados do Rio de Janeiro, Goiás, Minas Gerais e Espírito Santo. Isso disseminou também uma expertise do Barong para atuar promovendo saúde sexual e reprodutiva entre a mão de obra masculina de empresas de infra-estrutura e trabalhos braçais; experiência acumulada e sintetizada recentemente em publicação científica (ver Figueiredo, Peixoto, Santos, 2015) e na produção de diversos materiais e cartilhas educativas voltados ao público masculino, incluindo o DVD *Cuidando Deles! Saúde Sexual e Reprodutiva do Homem* (Figueiredo, McBritton, Peixoto, 2010), materiais que tiveram reconhecimento e recomendação de adoção e disseminação pelo Programa Nacional de Saúde do Homem, Programa Estadual de Saúde do Homem de São Paulo e Organização Internacional do Trabalho (OIT).



A parceria com a DKT do Brasil para a promoção do marketing social do preservativo já dura 20 anos e já subsidiou a venda de milhares preservativos, em diversas ações que incluíram a abertura de mais de 300 aberturas de pontos de venda deste insumo no município de São Paulo e em Ubatuba, comercializados a preços de custo (Ministério da Saúde, 2008, p. 24-26).

Com a experiência de marketing social, o Barong recebeu em 2002, o prêmio *Ações Sustentáveis em HIV/Aids*, promovido pelo Ministério da Saúde em parceria com a Fundação Ford; em 2004, foi vencedor no *Concurso Nacional de Prevenção de Aids e Qualidade de Vida do Portador de HIV em 2004*, promovido pela Agência Saúde Brasil, patrocinado pelo Laboratórios Bristol Myers Squibb, prêmio pelo qual foi indicado novamente em 2005.’’

Estima-se que o Barong já tenha distribuído gratuitamente mais de 1.500.000 de preservativos, atingido mais de 1.500.000 pessoas em mais de 1.000 ações.

Além de participar politicamente e em vários eventos, a ONG foi responsável pela vitória de mais de 250 processos jurídicos de direitos da população transgênero através do projeto SOS Dignity.

Quadro Síntese dos Principais Projetos Ações Desenvolvidos pelo Barong

Ano	Projetos/Ações	Financiadores
1997-2002	Ações de Rua no Centro de São Paulo	DKT do Brasil
1995 - 2000	Ações em Carnavais e no Verão no Litoral Paulista	DKT do Brasil
1996-2015	Paradas Gay de São Paulo	Vários financiadores
1998-2004	Projeto Prevenção com Caminhoneiros	Coordenação Nacional de DST/Aids, Anglo American
2000-2002	Projeto Universidades e Jornadas Universitárias	Coordenação Nacional de DST/Aids, empresas particulares
2001-2003	Prevenção na Comunidade e População de Presos de Franca.	DKT do Brasil, Coordenação de DST/aids de Franca
2001-2003	Verão sem Aids no Litoral Paulista	Coordenação Nacional de DST/Aids, entre outros
2003-2006	Ações no Carnaval	Bristol Myers Squibb e outros
2004-2005	Projeto Sereias do Riacho, realizado no Bairro do Riacho Grande, em São Bernardo do Campo	Coordenação Nacional de DST/Aids, do Ministério da Saúde
2007-2009	Redução de Vulnerabilidade associadas ao não uso de preservativos/ Prêmio e ciclo de debates “Um Brinde à Saúde” de uso responsável do álcool e	Coordenação Estadual de DST/Aids

	redução de vulnerabilidade sexual e Prevenção de gravidez e DST/aids e contracepção de emergência	
2008-2009	Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE) – projeto piloto de implantação de distribuição de preservativos em escolas de Diadema.	Programa de DST/Aids do Município de Diadema e Ministério da Saúde
2002 - atual	Marketing Social do Preservativo em São Paulo / Sustentabilidade Própria	Coordenação Nacional de DST/Aids, DKT do Brasil, manutenção própria
2011 até hoje	Promoção de Prevenção de DST/Aids entre trabalhadores	Diversos SESC e empresas do Estado de São Paulo
2009-2015	Projeto Cuidando Deles de Promoção de Prevenção e Saúde Sexual e Reprodutiva do Homem	Coordenação Estadual de DST/Aids de São Paulo, Anglo American
2009 - atual	Projeto de SOS Dignity de Plantão Jurídico para População Transexual	Financiamento próprio

Lições Aprendidas e Considerações Finais

A trajetória do Barong aponta que os caminhos adotados para a promoção dos direitos sexuais e reprodutivos e da prevenção de DST/Aids entre a população brasileira necessitam estar sempre sendo atualizados, adotando novos temas, abordagens, formatos e maneiras de interlocução, impondo constante inovação e criatividade da equipe e na proposição de projetos e parcerias.

O foco da ação deve ser inclusivo, ou seja, de “chamar”/convidar público a fazer parte da ação, com foco no bom relacionamento e leveza que releve a saúde e a importância da sexualidade e não foque a doença como peso, que termina por promover mais marginalização. O uso de linguagem lúdica e artística facilita também que temas tabus que rondam as questões de sexualidade sejam tratados com maior aceitação pela população.

Personalizar as ações e instrumentos de comunicação, inclusive materiais de educação, conforme o público é fundamental para facilitar o diálogo com diferentes seguimentos do público, favorecendo uma linguagem intimista e adaptando orientações de prevenção de saúde ao cotidiano e realidade em que vivem. Isso facilita que as pessoas adotem posturas de autocuidado, favorecendo conscientização e mudanças de comportamento positivas.

A experiência de atuar com o público e também internamente dentro da instituição com uma equipe multidisciplinar enriquece as abordagens que passam a ter um foco sócio-artístico-psico-antropológico e não apenas de saúde, além de favorecer a criatividade na elaboração de projetos, materiais e estratégias de intervenção. Para isso, o uso de

linguagens simplificadas e a boa comunicação e contato direto com o público é considerado indispensável para reciclar e fornecer *expertise* constante à equipe, de forma que os saberes individuais e de cada área não permaneçam apenas teóricos, petrificados e pouco aplicáveis.

Considera-se que a experiência do Barong com o uso de unidades móveis deram um perfil referencial para a instituição que a diferencia das demais, favorecendo a ida a diferentes localidades e servindo de atração para o público. Além disso, favorece que o comércio local do entorno das ações seja atraído pelo tema de prevenção de DST/aids e se interesse em cooperar no trabalho.

Também o contato e articulação com poderes locais, como coordenações de DST/aids e ongs, são importantes porque permitem a cooperação, ação articulada e complementariedade de funções e de recursos humanos nas ações.

Por fim, a trajetória da instituição ensina, que estratégias que observam as demandas e necessidades do público e conversam com diversos parceiros visando o bem social comum e a promoção dos direitos sexuais e reprodutivos como direitos humanos, são fundamentais para o sucesso de ações para o desenvolvimento social, cultural e individual dos brasileiros em toda a sua diversidade.

Referências bibliográficas

Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP). Projeto de Lei 227 - Torna obrigatória a realização de campanhas de prevenção a doenças sexualmente transmissíveis e de redução de danos causados pelo consumo de substâncias psicoativas e bebidas alcoólicas. São Paulo, 21/05/2008. Disponível em [<http://www.al.sp.gov.br/propositura/?id=787736>]. Acessado em 28 de junho de 2015.

Ayres, J.R.C.M. O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In: Czeresnia, D.; Freitas, C.M. (orgs). Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2003. p.117-39.

Ayres, J. R. C. M. Educação preventiva e vulnerabilidade às DST/AIDS e abuso de drogas entre escolares: como avaliar a intervenção? In: Tozzi, D.; Santos, N. I. (orgs.). Papel da educação na ação preventiva ao abuso de drogas e às DST/aids (São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1996. pp. 25-41. Série Idéias, 29.

Barbosa, A.M. Arte, Educação e Cultura. São Paulo: Portal eletrônico de domínio público. s/d. Disponível em: <<http://dc.itamaraty.gov.br/imagens-e-textos/revista7-mat5.pdf> >. Acesso em julh 2015.

Barbosa, A.M. Teoria e prática da educação artística. São Paulo, Cultrix, 1975.

Boal, A. Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

Boal, A. Técnicas Latino-Americanas de Teatro Popular – HUCITEC, 1975.

Brasil. Lei Federal 10449 - dispõe sobre a comercialização de preservativos masculinos de látex de borracha. Brasília: Câmara dos Deputados, 9 de maio de 2002.

Cavalheiro, T.; Sanmamed, J.M.; Peixoto, M.; Silva, N.A. Hábitos de uso de camisinha entre jovens em situação de férias. In: Fernandes, M.E.L.; D'Angelo, L.A.V.; Vieira, E.M. Prevenção ao HIV/AIDS: a experiência do Projeto AIDSCAP no Brasil. São Paulo: Associação de Saúde da Família, 1999. p. 185-191.

Corrêa, S.; Alves, J.E.D.; Jannuzzi, P.M. Direitos e saúde sexual e reprodutiva: marco teórico-conceitual e sistema de indicadores. In Cavenagui, S. (org). Indicadores municipais de saúde sexual e reprodutiva. Rio de Janeiro: ABEP, Brasília: UNFPA, 2006. Disponível em: [<http://www.unfpa.org.br/novo/index.php/biblioteca/publicacoes/populacao-3/52-indicadores-municipais-de-saude-sexual-e-reprodutiva>]. Acesso

Damas, W.; Pacca, J.C. Pesquisa de comportamento sobre o uso de preservativo entre adolescentes durante o Festival de Inverno de Campos do Jordão. In: Fernandes, M.E.L.; D'Angelo, L.A.V.; Vieira, E.M. Prevenção ao HIV/ AIDS: a experiência do Projeto AIDSCAP no Brasil. São Paulo: Associação de Saúde da Família, 1999. p. 66-83.

Figueiredo, R. Contraceção de emergência: estratégia fundamental para o exercício dos direitos sexuais e reprodutivos de jovens adolescentes. *In* Arilha, M.; Lapa, T.S.; Pisaneschi, T.C. (orgs.). Contraceção de emergência no Brasil e América Latina: dinâmicas políticas e direitos sexuais e reprodutivos. São Paulo, Oficina Editorial, 2010. 296 p.

Figueiredo, R.; Bastos. Saúde e direitos sexuais e reprodutivos: o Poder Judiciário deve garantir o acesso à contraceção de emergência. *In* Keinert, T.M.M.; Paula, S. H.B.; Bonfim, J.R.A. (orgs). As ações judiciais no SUS e a promoção do direito à saúde. São Paulo: Instituto de Saúde, 2009. 233p.

Figueiredo, R.; McBritton, M. Turismo e comunidade litorânea: contatos afetivo-sexuais e vulnerabilidade. *In* Martins, A. B. M.; Santos, A. O.; Paiva, V. (org.) Promovendo os direitos de mulheres, crianças e jovens de comunidades anfitriãs do turismo do Vale do Ribeira. São Paulo: Instituto Ing Ong de Planejamento Sócio-ambiental, 2009.

Figueiredo, R.; McBritton, M. Comportamento sexual e reprodutivo de uso de álcool, pelos jovens no carnaval – Guarujá - SP, 2006: relato de pesquisa e proposta de intervenção. São Paulo: Instituto Cultural Barong, 2006.

Figueiredo, R.; McBritton, M.; Cunha, T. Juventude e Vulnerabilidade Sexual em Situações de Lazer-Festa. Boletim do Instituto de Saúde, nº 40. São Paulo, dezembro de 2006.

Figueiredo, R.; McBritton, M. Cultura de turismo e população litorânea: contatos afetivo-sexuais de verão. BIS, Bol. Inst. Saúde n.41. São Paulo, abr. 2007. Disponível em [http://periodicos.ses.sp.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-18122007000100013&lng=pt&nrm=isso]. Acessado e, 28 de junho de 2015.

Figueiredo, R.; McBritton, M.; Peixoto, M. Cuidando Deles! Saúde Sexual e Reprodutiva do Homem. (DVD). São Paulo: Instituto Cultural Barong, 2010.

Figueiredo, R.; McBritton, M.; Peixoto, M. Prevenção e Redução de Danos no Turismo e no Lazer. (DVD). São Paulo: Instituto Cultural Barong, 2013.

Figueiredo, R.; Santos, N. J. S. Redução de exposição a infecções por DST/HIV/aids em práticas sexuais. *In* Paiva, V.; Pupo, L.R.; Seffner, F. (orgs). Vulnerabilidade e direitos humanos – prevenção e promoção da saúde: pluralidade de vozes e inovação de práticas. Curitiba: Juruá, 2012. 328 p.

Freire, P. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 42^a edição.

Louro, L.G. O Corpo educado, pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

Mann, J.; Tarantola, D.J.M.; Netter, T. A aids no mundo. Rio de Janeiro: Relume Dumará; 1993. p. 276-300.

Ministério da Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. Acesso Alternativo – venda em pontos pouco convencionais e distribuição em lugares de difícil acesso são estratégias para reduzir preço do preservativo e ampliar uso do insumo. *In* Resposta + a experiência do programa brasileiro de aids. Brasília, MS, 2008.

Rodrigues, M. O. (org.) Aprimorando a Saúde Sexual – manual de técnicas de terapia sexual. São Paulo: Summus Editora, 2001.

Scott, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995. p.71-99.

Spolin, V. Improvisação para o Teatro. São Paulo: Perspectiva, 2005. 190p. Koudela, D. D.; Amos, E. F. A. (trad.). Série Estudos, n.62.